

# RELEMBRANDO O QUE ESCREVI: FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E FHC

*REMEMBER WHAT I WROTE: FERNANDO HENRIQUE CARDOSO  
AND FHC*

**Rodrigo Augusto Prando**

Cientista social, mestre e doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professor de Sociologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e professor responsável pela linha de formação humana e social do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA-UPM).

*E-mail:* rodrigoprando@mackenzie.br

OLIVEIRA, M. D. (Org.). *Relembrando o que escrevi – da reconquista da democracia aos desafios globais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

D'INCAO, M. A.; MARTINS, H. (Org.). *Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

# 1

## INTRODUÇÃO

Vieram a lume dois livros que tratam da trajetória intelectual e do governo de Fernando Henrique Cardoso. O primeiro, intitulado *Relembrando o que escrevi – da reconquista da democracia aos desafios globais*, da Editora Civilização Brasileira, com organização de Miguel Darcy de Oliveira; o segundo, *Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso*, da Editora Paz e Terra, organizado por Maria Angela D’Incao e Hermínio Martins. Em que pese vivenciarmos um ano de forte debate eleitoral, de estratégias políticas que buscarão comparar a “era FHC” com a “era Lula”, a leitura dessas duas obras pode não apenas qualificar o debate político, mas também oferecer subsídios aos que se dedicam ao estudo da relação entre intelectuais e política ou, até mesmo, aos que procuram entender a história recente de nosso país.

Poderíamos, desde já, trazer à tona o conteúdo das obras. Contudo, em tempos em que muitos se colocam como inauguradores da história ou que desprezam o passado numa postura aquém do senso crítico, faz-se necessário *relembrar* a trajetória de Fernando Henrique Cardoso. Como pensar numa figura que atingiu o ápice em duas carreiras distintas: professor catedrático de Ciência Política e presidente da República? Melhor ainda: como pensar a articulação entre essas duas carreiras, a do sociólogo e intelectual público e a do político? Buscarei, nestas breves linhas, resenhar os livros em tela e pontuar algumas questões que considero pertinentes.

# 2

## TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA

Desde a entrada do jovem aluno na Universidade de São Paulo (1949) até seu reconhecimento internacional como professor, pesquisador e intelectual público, publicaram-se dezenas de livros e mais de uma centena de artigos (em periódicos científicos e na mídia em geral), traduzidos em vários idiomas. Sua obra versa sobre temas atinentes à realidade social brasileira. Estudou a escravidão, as relações raciais e a formação do capitalismo no Brasil, numa primeira fase, sob a atenta orientação de Florestan Fernandes, e apresentou a tese *Capita-*

*lismo e escravidão no Brasil Meridional* para tornar-se doutor em 1961. Com seu doutorado defendido, realizou a livre-docência, em 1963, com a tese *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. Sua obra de maior projeção, contudo, seria escrita no exílio, em 1965-1966, intitulada *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, em parceria com Enzo Faletto. Cardoso afirmou que não haveria essa obra sem, antes, ter dimensionado questões históricas e metodológicas nos seus estudos sobre a escravidão e o empresariado brasileiro. Em sintonia com o seu tempo, na década de 1970 há trabalhos que problematizam e discutem o autoritarismo, a democracia e as mudanças sociais. Em 2006, quatro anos após o término de seu segundo mandato, publicou *The accidental president of Brazil: a memoir*, *A arte da política: a história que vivi* e *Cartas a um jovem político*. Seus escritos – no campo da literatura sociológica ou mesmo em textos de análise de conjuntura política e de intervenção – são, sem dúvida, importantes referências, e isso pode ser constatado no número de citações que Cardoso possui tanto no Brasil como no exterior.

Profissionalmente, Cardoso passou parte de sua carreira na Universidade de São Paulo (USP) e de lá só saiu por ação do regime militar instaurado no Brasil em 1964. Na USP, graduou-se (1952) e logo assumiu responsabilidades docentes, doutorou-se (1961) e em 1968 chegou ao ápice da carreira: conquistou a Cátedra de Ciência Política, sendo aposentado pelo regime militar em 1969. Ainda em 1969 (proibido de lecionar), funda, com outros professores aposentados compulsoriamente, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), e, nesse centro, exerce sua liderança intelectual, formulando análises da conjuntura política e da reconstrução da democracia no Brasil. Foi, por fim, agraciado, em 1992, com o título de professor emérito da USP. Lecionou e pesquisou em universidades e organizações internacionais em vários países: Argentina, Chile (Universidade de Santiago), França (École des Hautes Études en Sciences Sociales e no Collège de France), Inglaterra (Cambridge) e Estados Unidos (Stanford, Berkeley e Brown University), principalmente. Da graduação até o título de professor emérito, Cardoso seguiu todos os degraus da carreira acadêmica, apresentando-se, sempre, com distinção e louvor em suas teses e concursos. Além de Florestan Fernandes, seu orientador, Cardoso foi avaliado por figuras como Sérgio Buarque de Holanda, Thales de Azevedo e Caio Prado Júnior. Entre 1982 e 1986, foi presidente da Associação Internacional de Sociologia. Recebeu mais de vinte títulos de doutor *honoris causa* em universidades estrangeiras e, em 2005, foi eleito pelas revistas *Prospect* e *Foreign Policy* um dos cem maiores intelectuais públicos do mundo.

Soma-se à sua vida acadêmica uma intensa atividade política – iniciada já na universidade como representante dos alunos e, depois, dos professores doutores – até sua definitiva entrada na política partidária. O regime militar, que buscou calar setores da sociedade brasileira, acabou, sem o querer, abrindo espaço aos intelectuais que, por sua própria natureza, figuraram como importantes protagonistas na cena política. O já aludido Cebrap permitiu, na década de 1970, que Fernando Henrique Cardoso estreitasse laços com o MDB (ulteriormente PMDB) e tal contato possibilitou a participação ativa de Cardoso na política. A partir de 1978, suas ações na política partidária o levaram à suplência do senador Franco Montoro e, em seguida, a uma cadeira no Senado. Em 1985, sofreu derrota como candidato à prefeitura de São Paulo, mas continuou no campo político, fundando, em 1988, o PSDB. Não só teve papel relevante na luta pela redemocratização do país, mas também exerceu importante função na Assembleia Constituinte. No governo Itamar Franco, foi ministro das Relações Exteriores (1992) e ministro da Fazenda (1993). E, na condução deste ministério, coordenou a equipe que formulou o Plano Real, trazendo estabilidade à economia e controlando a inflação que assolava o país havia décadas. Exerceu a Presidência da República por dois mandatos (1995-2002), vencendo ambas as eleições no primeiro turno.

Sua trajetória, seja a acadêmica ou a política, é deveras complexa: um intelectual que teve habilidades políticas ou um político com legitimidade intelectual? Cardoso foi, sempre, cobrado em sua ação política pela sua condição de intelectual, como se, cotidianamente, colaboradores ou adversários colocassem, *vis-à-vis*, Fernando Henrique Cardoso e FHC – numa tensão constitutiva entre o intelectual e o político. No limite, a pergunta que não calou até hoje é: “Há coerência entre o intelectual e o político?”.

### 3

## RELEMBRANDO O QUE ESCREVI

Em *Relembrando o que escrevi*, há, como não poderia deixar de ser, um chiste em relação à famigerada frase atribuída a Cardoso, quando era ministro das Relações Exteriores: “Esqueçam o que escrevi”. A frase, no contexto político, foi (e ainda é) um prato cheio para os adversários, pois havia um intelectual que renegava o seu

passado e que, na visão de muitos, buscava o poder em detrimento de seu passado. Aos acadêmicos, aos homens de ciência e de cultura, poucas afirmações são tão agressivas quanto aquelas em que se acusa o interlocutor de incoerente, seja nas obras ou nas ações. Consciente dos meandros da política, a estratégia foi a de conviver com a frase. É como se, hipoteticamente, FHC tivesse resguardado, politicamente, o intelectual Fernando Henrique Cardoso. Contudo, como se depreende do título do livro em tela, ele jamais digeriu o “Esqueçam o que escrevi”.

Na bem cuidada organização de Miguel Darcy de Oliveira, com a supervisão de Cardoso, foram coligidos artigos, entrevistas, diálogos e discursos publicados em vários jornais e revistas, bem como em livros ao longo de 37 anos (de 1972 a 2009). Fica, assim, mais nítida a intenção do subtítulo “da reconquista da democracia aos desafios globais”: as ideias expressam reflexões sobre as condições econômicas, sociais e políticas do Brasil e do mundo. A década de 1970 é o cenário do intelectual combativo, que fora retirado arbitrariamente da universidade, e que se dedica a analisar a conjuntura política e social e oferecer suas análises de forma clara e objetiva ao grande público. A partir de 1978, figura o político – que optou pela ação partidária – na reconstrução da democracia no Brasil. Engana-se quem acredita que durante os anos 1980, 1990 e 2000 o político obliterou o intelectual. O treinamento e o esforço analítico do pesquisador serviram, quase sempre, ao político. Tal fato pode ser constatado em suas entrevistas ou em seus textos, nos quais procura discutir o fenômeno da globalização, discorrendo sobre essa nova fase do capitalismo e enfatizando a importância da política bem conduzida para a inserção do país no cenário global.

Além do prefácio e da apresentação de Miguel Darcy de Oliveira e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente, o livro possui cinco seções: “Liberdade e democracia”, “Esquerda e política”, “Sociedade e Estado”, “Desenvolvimento e globalização” e “Esperanças e futuro”. Vale a pena ler cuidadosamente os textos, buscar apreender suas ideias, como de “democracia substantiva”, o surgimento de uma sociedade civil no Brasil, a luta pela redemocratização, os dilemas do poder político ante a globalização da economia, a necessidade de “utopias realistas”, o seu discurso de despedida do Senado, no qual advoga que o seu governo buscará pôr fim à era Vargas etc.

*Relembrando o que escrevi* traz ao leitor interessado não só na biografia de Fernando Henrique Cardoso, mas também na história recente do país, elementos que permitem uma reflexão crítica e, por isso mesmo, mais detida em relação às tensões constitutivas de um intelectual na política em nossa sociedade. Em suas palavras:

É certo que muita coisa mudou e eu também mudei minha apreciação sobre algumas coisas. Mas as orientações gerais são as mesmas, os valores fundamentais continuam a ser os antigos. Se houve *aggiornamento* foi mais na forma do que no conteúdo, quando não na discussão de questões que a própria história foi colocando em novas bases. [...] Não sinto necessidade de esquecer nada do que escrevi (Oliveira, 2010, p. 11).

## 4

### ESTUDOS SOBRE A ERA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Em *Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso*, organizado por Maria Angela D’Incao e Hermínio Martins (2010, p. 9-10), há a seguinte afirmação dos organizadores:

Dada a natureza particularmente instigante da vida e da obra de Fernando Henrique Cardoso, concebemos este volume como um conjunto de estudos acadêmicos sobre a figura e a presidência, seguindo um projeto cujo objetivo principal foi o de reunir e apresentar aos leitores a compreensão da experiência FHC para a consolidação da democracia no Brasil.

Ainda em suas palavras:

[...] não se trata de um livro de homenagem no sentido estrito, com a colaboração exclusiva de amigos, admiradores, colegas, colaboradores, discípulos e alunos do homenageado. No entanto, o livro também evita debates puramente ideológicos e polêmicos sem interesse acadêmico.

Dessas palavras fica nítida a dificuldade de lidar com a figura de Fernando Henrique Cardoso e de sua presidência. O time de analistas mescla intelectuais consagrados, estudiosos de temas específicos e autores estrangeiros. Alguns capítulos são inéditos e outros já foram publicados anteriormente, contudo a divisão em três seções dá uma boa unidade à obra e cumpre o seu objetivo, que é apresentar a figura do intelectual e político e os resultados de suas ações políticas na presidência.

A primeira parte trata do “Perfil de FHC como sociólogo e político”, com uma entrevista que Cardoso concedeu a Bernardo Sorj e Sérgio Fausto, seguido de artigos de Celso Lafer (que, aqui, vale ressaltar, confirma que FHC jamais disse “Esqueçam o que escrevi”, pois estava presente no evento em que foi cunhada a frase), de Afrânio Raul Garcia Júnior e Bolívar Lamounier. Na segunda parte, “Políticas públicas setoriais do governo FHC”, discutem-se a formulação do Plano Real, a estabilidade econômica, reforma do Estado, terceiro setor, educação, a Amazônia, políticas contra o racismo e indigenista, movimentos sociais, segurança pública, defesa e direitos humanos, com textos de: Roberto DaMatta, Edmund Amann e Werner Baer, Luiz Carlos Bresser-Pereira, Simone de Castro Coelho, Carlos Alberto Batista Maciel e Edval Bernardino Campos, Sérgio Costa, Cláudio de Moura Castro, Lúcio Flávio Pinto, Ricardo Verdum, Maria da Glória Gohn, Arthur Trindade, Oliveiros S. Ferreira e Paulo Sérgio Pinheiro. E, por fim, na última seção, “Comparações e contextualizações internacionais”, autores estrangeiros discutem o impacto da obra e da política de FHC em vários países, contanto com escritos de Ted Goertzel, Laurence Whitehead, Kotaro Horisaka e Akiko Koyasu, Adrew Hurrel e Javier Santiso.

A leitura dos artigos é, sem dúvida, francamente favorável a Fernando Henrique Cardoso e a FHC, ou seja, ao intelectual e ao político. Os autores brasileiros, especialistas nos temas em questão e acadêmicos reconhecidos, oferecem ao leitor uma boa compreensão da trajetória e das políticas governamentais. Os estrangeiros indicam, também, a boa reputação que FHC goza no exterior. Há, ainda, pequenos deslizes, como no artigo de Laurence Whitehead, ao afirmar que, no Brasil, os presidentes podem ser eleitos por até dois mandatos consecutivos de 5 anos (4 anos, na verdade) e que FHC teria se prejudicado ao não responder se acreditava em Deus a um jornalista, quando Cardoso teria sido candidato a governador (na verdade, isso ocorreu com Boris Casoy e foi para a eleição para prefeito da cidade de São Paulo em 1985).

No conjunto, *Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso* oferece uma considerável contribuição aos estudiosos e ao leitor interessado nos assuntos tratados. A leitura pode ser realizada na ordem oferecida pelos organizadores ou por temas de interesse, tendo – ao longo da obra – referências bibliográficas ou notas de rodapé que permitem o aprofundamento das ideias expostas pelos autores. Cumpre, ainda, lembrar que não é o primeiro balanço realizado sobre FHC. Em 2002, Bolívar Lamounier e Rubens Figueiredo organizam e publicam *A era FHC: um balanço*, pela Cultura

Editores Associados. A revista *Tempo Social*, da Universidade de São Paulo, traz dois balanços sobre os mandatos de FHC: o volume 11, número 2, de outubro de 1999, e o volume 15, número 2, de novembro de 2003.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas obras resenhadas são, em suma, boas contribuições aos cientistas sociais e às pessoas interessadas na história recente do Brasil. Na primeira, pode-se ir ao encontro das ideias de Fernando Henrique Cardoso e cotejá-las com sua ação política; a segunda, por sua vez, traz um balanço da “era FHC”.

Nos dois casos, há a possibilidade de se iniciar o estudo da obra sociológica de Cardoso e de sua ação política, sem, contudo, cair nos reducionismos oriundos do senso comum. Cientificamente, Cardoso contribuiu para o desenvolvimento das ciências sociais, manejou temas complexos e inovou na abordagem de muitos deles, sendo, até hoje, citado e discutido nos círculos acadêmicos. No campo político, na análise de seus governos, não se pode negar que sua presidência levou à estabilidade econômica, buscou reformular o Estado e consolidou a democracia no Brasil. A avaliação de seu governo é, ainda, bastante recente e sem o espaço de tempo necessário para uma análise mais calma e serena, ou, noutros termos, menos ideologizada, já que neutralidade total é uma falácia nas ciências sociais.

Podemos, no campo da ciência ou da política, concordar com teses ou ações políticas concretas ou discordar delas, contudo, nessa seara, deve prevalecer a força dos argumentos e, nunca, jamais, o argumento da força. A leitura dessas obras é, nesse caso, fornecedora de argumentos, seja para a valorização ou para a crítica de Fernando Henrique Cardoso. A crítica bem fundamentada é sempre bem-vinda e leva ao aperfeiçoamento da ciência e da democracia; e a crítica sem a devida fundamentação é, apenas, palavrório jogado a esmo e que cessa tão logo os ventos ou os interesses políticos mudem. Cabe, ao leitor, usar da crítica como bem entender e com isso colher os resultados de sua escolha.